Fotobiografias: Mulheres como guardiãs de memórias na Cidade

Photobiographies: women as guardians of memory in the city

Cristina Maria da Silva, Ananda Andrade do Nascimento Santos e Alana Brandão Moura

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/7226>

DOI: 10.4000/pontourbe.7226

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Cristina Maria da Silva, Ananda Andrade do Nascimento Santos e Alana Brandão Moura, « Fotobiografias: Mulheres como guardiãs de memórias na Cidade », *Ponto Urbe* [Online], 25 | 2019, posto online no dia 25 dezembro 2019, consultado o 31 julho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/7226> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.7226>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 julho 2020.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Fotobiografias: Mulheres como guardiãs de memórias na Cidade

Photobiographies: women as guardians of memory in the city

Cristina Maria da Silva, Ananda Andrade do Nascimento Santos e Alana Brandão Moura

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 27/04/2019

Aceitação / Accepted 19/08/2019

“Uma história de vida não é feita para ser
arquivada ou guardada numa gaveta como coisa,
mas existe para transformar a cidade onde ela
floresce.”

Ecléa Bosi 2003: 199.

Introdução

- ¹ Este trabalho faz parte de um projeto de extensão na Universidade Federal do Ceará¹, iniciado em 2016, no qual temos buscado pensar em fotobiografias urbanas a partir de acervos fotográficos pessoais, ou seja, temos buscado compreender a biografia da cidade de Fortaleza, especificamente, através dos álbuns fotográficos que seus habitantes guardam em casa, em seus acervos comuns. De acordo com Fabiana Bruno (2013) fotobiografias são um conhecimento da vida pelas imagens que montamos, desmontamos e remontamos. As imagens não são meros objetos, mas um acontecimento (Bruno 2012: 91), vinculado, de maneira muito particular, ao universo das relações familiares. Através delas passamos a lidar com “camadas de histórias”, pedaços da vida anacrônicos e heterogêneos em imagens e histórias de vida. Nosso

pressuposto é que partindo das imagens fotográficas relacionando-as às narrativas de vida, elas ampliam nossa compreensão sobre a história da cidade.

- 2 Foto (do grego *photo*, que significa luz), Grafia (do grego *graphein*, quer dizer escrita, desenho, registro), ou seja, fotografia é registrar, desenhar com luz. *Bio* (do grego vida), grafia (escrita), biografia seria a escrita de uma vida. Tomamos a denominação fotobiografias como a possibilidade de acompanhar esses desenhos com luz para iluminar a maneira como compreendemos as atuações individuais, como também as experiências na cidade.
- 3 Como uma escrita, a imagem fotográfica é aqui entendida como um rastro que nos permite ler os trajetos de uma vida, não só individual, mas também a vida coletiva construída numa cidade. Reunir rastros e restos não é só recolher o que sobra de uma vida ou da história, nem apenas se trata de um ritual de protesto. É uma tarefa silenciosa, do “narrador autêntica.” Em coleções fotográficas encontramos posições, gestos eternizados. Um álbum não só anuncia, mas conserva o anunciado, pois “ele é um pedaço de nossos corpos”. (Silva 2008: 18). A imagem como metáfora do lembrar (Assmann 2011) é uma das formas de narrar o que aconteceu à uma vida ou a uma coletividade, ainda que frágil, fácil de se apagar com o tempo, de inscrever a si mesmo.
- 4 Com o movimento das imagens e das narrativas não dá para prever ou definir um roteiro para as histórias de vida. Sendo assim, aqui a leitura dos álbuns e a escuta das narrativas se entrecruzam em uma montagem que não está de antemão definida. Consideramos aqui importante a observação de (Bruno 2013) sobre a geografia humana que se cartografa ao olharmos fotografias:

O primeiro horizonte consistiu em deixar a geografia humana e seus interlocutores nos questionarem passo a passo. Não queríamos apenas traçar histórias de vida, e sim pensá-las através de seus labirintos de signos, figuras, palavras, silêncios e contextos. (...) Era necessário dar confiança às imagens na construção de histórias de vida. (Bruno 2013: 130)
- 5 Temos buscado, então, desvelar como as narrativas de vida se entrelaçam nas imagens coletivas dos álbuns fotográficos, percebendo que as pessoas e a cidade são produzidas mutuamente, que a vida da cidade e a vida do habitante estão intrincadas. As fotobiografias, para nós, consistem em buscar as grafias de uma vida e, nesse caso especificamente, as vidas das mulheres na cidade, a partir das fotografias que elas guardam em suas casas. Junto a isso, através de seus álbuns fotográficos pessoais, conhecemos, além das vidas dessas mulheres, a cidade que elas habitam. Nesse trabalho, abordamos as histórias de vida de três mulheres que moram no Poço da Draga, localizado em Fortaleza-CE, e são vistas como guardiãs de memórias, por terem sempre nos trazido as histórias do lugar: Ivoneide (53 anos), Iolanda (72 anos) e Ivonilda (80 anos).
- 6 Tomando como referência as noções de rastros de Walter Benjamin (2009), de memória, rastros e narrativas de Jeanne Marie Gagnebin (2006), de guardiãs da memória a partir do contar de Clarice Estés (1998) e da noção de caminhadas de Michel de Certeau (2009), bem como de “mundo narrado” para Tim Ingold (2015), temos observado esse local a partir das falas dessas mulheres, das fotografias que elas guardam e o que nos contam sobre elas, bem como suas atividades cotidianas e suas relações com o lugar que habitam. Temos pensado sobre como essas mulheres inventam seu cotidiano e quais as relações que elas constroem com o lugar que habitam. Os álbuns fotográficos aparecem como extensão de seus corpos e ganham força narrativa, traçam fabulações sobre a vida

pessoal entrelaçada na vida urbana. É um arquivo, “porque guarda imagens (não apenas fotos) e as classifica de maneira singular, e talvez única.” (SILVA, 2008: 45). Organiza uma origem (arquivo: do grego *arkhé*: origem, começo), tanto para os eventos e acontecimentos de uma vida, como para os contextos que a cercam.

- 7 O Poço da Draga era um pedaço da cidade que até 2016 desconhecíamos. É uma comunidade localizada por trás da Caixa Econômica Cultural de Fortaleza e que se estende até o litoral da Praia de Iracema. Na nossa primeira caminhada pelo Poço da Draga, na tarde do dia 29 de outubro de 2016 (um sábado), seguimos em grupo, inseguras, pelas ruas principais, olhando apenas de longe os becos e as suas entradas sinuosas, pois pensávamos que ainda era cedo para neles adentrar. Caminhávamos sem roteiro quando um dos alunos da Universidade, que conhecia melhor o lugar por trabalhar com audiovisual e já ter estado ali algumas vezes, disse que seria bom encontrarmos o Sérgio Rocha que, somente depois, descobrimos ser um geógrafo e habitante do Poço da Draga.
- 8 Em outra dessas primeiras caminhadas, fomos ao Pavilhão - que é um ponto central do Poço da Draga -, onde, por acaso, vimos um aglomerado de pessoas. Posteriormente, apareceu um rapaz que nos olhou e disse: “Ah, que bom que vocês chegaram, já podemos começar a visita guiada”. Sem entender por que éramos aguardadas, ficamos em silêncio e seguimos o grupo. Sem saber, estávamos numa visita guiada por Sérgio Rocha, um percurso feito pelo local, onde ele nos mostra as ruas, as casas e nos conta as histórias locais. Além disso, ao longo do percurso, sempre que encontra um morador mais antigo, ele para e conversa, dando voz às memórias e confirmando as informações passadas no decorrer do passeio. É uma visita que conta a história do Poço da Draga unindo a história do espaço com a das pessoas. Ao final do percurso, encantadas com o passeio, apresentamo-nos ao Sérgio e falamos do nosso projeto.
- 9 Agendamos para outra manhã, um sábado, dia 12 de novembro de 2016, outra visita guiada, desta vez mais direcionada ao Grupo Rastros Urbanos. O clima quente da cidade nos obrigava a inverter a rota da visita. Então, iniciamos pela Ponte Velha, olhando para o mar, e depois adentramos as ruas, concluindo a caminhada no Pavilhão. Conhecemos mais sobre o lugar e nos sentimos mais orientadas por meio do caminhar seguro e firme de Sérgio. Ele apontava e falava: “Ali viveu fulano, aqui morou cicrano. Olha lá a filha dele! E aí, fulana, tudo bem? Não era mesmo? Seus pais não tinha um mercadinho aqui? Quando a gente era criança não ficava tudo aqui em frente?”, e, de longe, no primeiro andar da casa, pela janela a moça acenava que sim. A visita é interativa, quem está nas calçadas entra na conversa, comenta, mostra-nos uma cidade viva e movente. No meio dessas falas, durante nossas andanças, fomos descobrindo que caminhar é perceber que os passos constroem uma cidade, eles próprios são narrativas que decifram e embaralham as noções que temos de um lugar. O ato de caminhar é em si um espaço de enunciação.

O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o *speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos. (...) É um processo de *apropriação* do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma realização espacial do lugar (assim como o ato de palavra é uma realização sonora da língua); enfim, implica *relações* entre posições diferenciadas, ou seja, “contratos”, pragmáticos sob a forma de movimentos. (...) o ato de caminhar parece, portanto, encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação. (Certeau 2009: 164)

- 10 Nas palavras de Certeau, entendemos que caminhar é uma prática e, assim como o ato da palavra emite sons, a apropriação do espaço pelos passos segue por um caminho ou por um atalho, indica uma topografia, ou seja, o andar indica a extensão desse enunciado singular que cartografa a cidade. Essa enunciação, ainda para Certeau (2009), envolve as regiões do verbalizado, do sonhado ou andado. É um mapeamento metafórico de traços, mas também de trajetos que passam por aqui e não por lá, que seguem por ruas principais, mas criam com astúcias becos e desvios, apontando outra geografia na cidade, uma “geografia de ações”.
- 11 Nessas andanças, a cidade começou a se (re)fazer diante de nosso olhar. Aos poucos, a partir da visita guiada, Sérgio Rocha não apenas nos mostrou as ruas, os becos e nos fez adentrá-los, mas também nos mostrou seus habitantes. Como Walter Benjamin refletiu, “a cada passo, o andar adquire um poder crescente.” (Benjamin 2009: 462). Conforme o colecionador benjaminiano, retiramos as caminhadas nas ruas, os olhares para as imagens e a escuta das narrativas de suas relações funcionais, com elas vamos montando outro modo de ler a cidade.
- 12 Tomamos aqui a instigante reflexão de Tim Ingold (2015) para pensarmos que os lugares se constituem pelo movimento. Um mundo narrado pelos passos que as interlocutoras constroem e através de cada atividade que denota sentido ao cotidiano. Um mundo tecido em palavras:
- tecido a partir das inúmeras linhas vitais dos seus múltiplos componentes humanos e não humanos enquanto costuram seus caminhos através do emaranhado de relações nas quais estão enredados de maneira abrangente. Em um mundo assim, pessoas e coisas não tanto existem quanto acontecem, e são identificadas não por algum atributo essencial fixo estabelecido previamente ou transmitido pronto do passado, mas pelos próprios caminhos (ou trajetórias, ou histórias) pelos quais anteriormente vieram e atualmente estão indo. (Ingold, 2015: 211).
- 13 As pessoas que estão ou frequentam um lugar são antes habitantes desse espaço e não moradores, não é a exterioridade que as definem, mas o movimento da vida que elas criam. As pessoas não estão confinadas a um lugar, suas experiências não estão restritas ao lugar que vivem. Habitantes viajam, carregam em si suas vivências e seus lugares. A existência humana é *situante*, desdobra-se ao longo do caminho. “Os habitantes se encontram, trilhas são entrelaçadas, conforme a vida de cada um vincula-se à de outro. Cada entrelaçamento é um nó, e, quanto mais essas linhas vitais estão entrelaçadas, maior é a densidade do nó.” (Ingold 2015: 219). Quanto mais linhas entrelaçadas, maior a densidade do que ata os habitantes uns aos outros, maior a capacidade de encontrar em si as múltiplas mãos para tecer a vida.
- 14 Nessa segunda visita guiada, em novembro de 2016, Sérgio Rocha, sabendo mais sobre qual era o nosso projeto, nos apresentou a alguns desses habitantes e nos contou causos de tantos outros. Apresentou-nos à Dona Ivonilda que estava sentada na calçada de sua casa, como de costume, e nos afirmou que para conhecer as histórias do Poço da Draga, deveríamos conversar com ela. Levou-nos à Organização Não Governamental (ONG) Velaumar e nos apresentou Isabel Cristina, responsável pela mesma. Apresentou-nos à Ivoneide, dizendo Sérgio, desde o início e sem hesitar, que se quiséssemos fazer um trabalho sobre fotografias no bairro, precisávamos conhecê-la. Então, no mesmo dia da apresentação, marcamos um próximo encontro na casa de Ivoneide, quando, além de nos mostrar suas centenas de fotografias, convidou-nos para o sarau na casa da filha de Dona Iolanda.

- 15 Analisando a cidade por essas narrativas que surgem a partir das fotografias, escrevemos, então, este trabalho em três partes, onde cada uma traz relatos sobre uma das três mulheres (Ivoneide, Dona Iolanda e Dona Ivonilda) que, com suas imagens, nos conduzem a histórias da cidade que não estão nos livros oficiais, nos levando a caminhos diversos e a novas geografias.

Os Álbuns de Ivoneide

(...) As fotos não são anúncios, prenúncios

As fotos não são donas

da permanência. Nem do futuro.

Fotos não preveem, nem previnem.

As fotos guardam o mote

da comparação, se sua imagem

ainda for mais presente

do que o álbum antigo.

(Ana Elisa Ribeiro 2018: 49)

- 16 No dia 15 de maio de 2017, chegamos à casa de Ivoneide e quem primeiramente nos saudou foi sua cachorrinha chamada Louise, que se mostrava por uma abertura existente na metade superior da porta de entrada. Em seguida, apareceu Ivoneide, uma mulher de 53 anos que é mãe de quatro filhos, sendo só uma menina, como ela mesma diz. Sabendo do nosso interesse pelas fotografias, logo ela foi trazendo os álbuns que abrigavam suas fotos e, à medida que ela mostrava, percebíamos que queria mostrar mais ainda, em meio a sua vida que se desenhava durante a sua fala. Quanto mais ela narrava, mais ela mostrava a si mesma, os seus, desvelava seus desejos e nos apresentava uma cidade que se fez sua em suas imagens guardadas. Uma cidade mapeada pelas imagens da sua vida: a faixa de praia chamada piscininha que era o lazer das famílias do Poço da Draga, antes do Aterro que foi construído na Praia de Iracema; a filha na paisagem da praia, enquanto que ao fundo o trator, movendo a areia próxima ao mar, modificava profundamente a paisagem da cidade; as conversas na calçada com os familiares e vizinhos, mostrando-nos de algum modo que: “As vidas são vividas não dentro de lugares, mas através, em torno, para e de lugares, de e para locais em outros lugares.” (Ingold 2015: 219).

Acervo do Grupo. Imagem feita por Cristina Maria de alguns entre as dezenas de álbuns de Ivoneide.

- 17 Em uma das várias idas à casa de Ivoneide, contamos 53 álbuns sobre a mesa e ela dizendo que ainda havia outros. “É álbum que não acaba mais. Tenho uma estante.” Sempre éramos surpreendidas ou com alguma imagem que ela lembrava e ia buscar para nos mostrar, ou com alguma fotografia que despertava o nosso olhar, fosse nos álbuns que nos eram apresentados, fosse fixada na parede da sala de sua casa ou nas paredes da casa de sua mãe, que mora ao lado. Eram imagens diversas, que traziam narrativas variadas, unindo a história de vida dela com a da cidade.
- 18 Ivoneide caminha por Fortaleza, pelo Poço da Draga, mas fala das cidades em que ela e seus parentes foram, dos bairros que visitaram, dos lugares na cidade por onde circularam. Narra as viagens que fizeram e conta sobre os irmãos que moram no exterior. Aos poucos, percebemos que o Poço encontrado na casa dela é vinculado às suas imagens de outros lugares, a tempos passados, mas, ao mesmo tempo, é ligado aos desejos da cidade pela qual eles lutam e resistem em busca do direito de permanecer nela.
- 19 As lutas do bairro onde mora são muitas, mas a principal é a de permanecer no território em que cresceram e vivem. O Poço da Draga, que tem em torno de 2.200 habitantes distribuídos em aproximadamente 500 famílias, ainda que hoje seja dito fazer parte do centro de Fortaleza, está localizado na Praia de Iracema, no bairro de mesmo nome, próximo ao Centro Cultural Dragão do Mar e ao Centro Cultural da Caixa Econômica Federal. Apesar da proximidade com esses dois equipamentos culturais é classificado como estando localizado no centro e não como parte do bairro Iracema, o que a nosso ver, está relacionado com o valor de sua área territorial. Além disso, esse pedaço da cidade não tem saneamento básico, o que não acontece atravessando a rua para os referidos espaços culturais. O combate para manter o seu direito de estar na cidade de Fortaleza é constante, pois mesmo tendo sido incluída como Zona Especial de

Interesse Social (ZEIS), tem sua permanência em constante ameaça diante dos rotineiros planejamentos dos órgãos gestores da cidade e da especulação imobiliária.

- 20 Dentro da incessante resistência, na luta por reexistir diariamente, Ivoneide nos conta de si, do Poço e dos caminhos por onde anda. Fala da cidade onde mora e em tudo que narra a paisagem da cidade se desenha. Os rastros da cidade se desenhavam. Descobrimos, assim, o que Benjamin afirma: “Habitar significa deixar rastros” (Benjamin 2009: 46). Os rastros de Ivoneide estão em seus álbuns, estão nas suas narrativas contadas através das imagens. A partir das fotografias, fomos conhecendo a vida dessa mulher, fomos descobrindo seu lugar na cidade e em qual cidade ela habita, deixando e registrando seus rastros.

Alagamento no Poço da Draga em 1980. Imagem do acervo de Ivoneide.

- 21 Ivoneide diz que realmente guarda as fotos porque acredita que um dia alguém gostará de ouvir o que tem a dizer sobre elas. Como outras pessoas já fizeram, hoje somos nós as mais interessadas e impressionadas com as imagens e as falas de Ivoneide enquanto nos mostra seus álbuns fotográficos. No meio de uma de suas falas, ela apareceu com duas coisas impressionantes. Uma delas foi um de seus álbuns, uma espécie de coleção de “santinhos” de várias pessoas do bairro já mortas, seja por morte natural, por suicídio (havia muitos casos assim), envolvimento com drogas, atropelamentos ou acidentes. Os santinhos são pequenos folhetos, geralmente feitos com uma fotografia do busto, um texto, data de nascimento e de morte de um ente querido. Sobre esse álbum específico fizemos uma publicação intitulada “Territórios da Memória: Poço da Draga”, onde, além das imagens, teremos pequenos textos escritos por Ivoneide nos quais ela relata o que lembra sobre cada uma dessas pessoas que viveram no bairro. Como é uma espécie de guardiã, pois tem fotos de praticamente todos os moradores, nas festas, nos momentos de lazer na praia, nos alagamentos e momentos difíceis, e mesmo dos mortos, Ivoneide se torna uma referência para nós ao pensarmos nos mapeamentos afetivos que formam a cartografia do Poço da Draga.

- 22 O outro ponto que nos surpreendeu foi uma pilha de aproximadamente 15 envelopes, com nomes de vizinhos, onde havia fotografias que ela arrumou para um dia entregar para eles. Cartas nunca enviadas, apenas com os nomes escritos em caneta, no verso. Uma de nós comentou (Cristina Maria, Diário de Campo, dia 15 de maio 2017) que ela poderia pensar na festa de aniversário da Comunidade como uma opção para entregar as fotos. Ela silenciou. Compreendemos que o tempo das fotos é outro, do tirar, revelar, mostrar, dar. Não é cronológico, são muitas entradas e saídas. Temporalidades que se entrecruzam.
- 23 Naquele momento, éramos mulheres conhecendo a história de uma vida, mas uma vida atravessada por muitas outras. Uma vida que nos mostrava uma nova cidade. Em uma das visitas, uma de nós disse: “a gente está fazendo outro álbum”, (Alana Brandão, Diário de Campo, 19 de maio de 2017). E, sim, era isso. A cidade se monta pelos álbuns diante de nossos olhos. Os acervos de Ivoneide nos situam numa outra cidade. No entanto, à medida que tirávamos as fotos dos álbuns e as copiávamos digitalmente, fazíamos uma remontagem, outro álbum e, por sua vez, outra cidade que ia se constituindo em todas nós.
- 24 Os arquivos de Ivoneide nos colocam numa outra cidade, com uma Ponte Velha, que longe de apresentar perigo, é o ponto de saltos mortais das crianças e adolescentes na água salgada do mar, enquanto os outros do alto admiram quem faz a maior acrobacia no ar. Além da ponte, nos seus álbuns e de outros moradores vemos a “piscininha”, uma espécie de lagoa que se formava em frente ao Estoril, quando a maré alta ultrapassava a barreira de pedras, local onde as crianças e os adultos brincavam e tomavam banho de mar tranquilamente até a década de 1980. A “piscininha” desapareceu por conta da construção do calçadão na orla da Praia de Iracema no começo da década de 1990, mas está muito viva na memória e nas fotografias dos habitantes do Poço.
- 25 Nas fotografias das dezenas de álbuns guardados por Ivoneide, vemos a história do Poço ser contada. Vemos a formação das lideranças comunitárias sendo passadas de mãe para filha, como na ONG Velaumar. Vemos o hábito de sentar nas calçadas, que até hoje se mantém. Vemos Ivoneide como professora de reforço escolar, profissão que exerce até hoje, alfabetizando as crianças do Poço, usando, de forma improvisada, como assento uma cama e como mesas os banquinhos. Vemos sua mãe, Dona Zenir, uma das grandes lideranças do Poço, quando era membro da Pastoral da Criança, pesando as crianças, na grade de seu portão de entrada, ou fazendo doações aos coletores de lixo. Vemos as festas no quintal da Dona Iolanda, as festinhas das crianças no carnaval e os aniversários infantis, com as roupas costuradas pelas avós. Vemos os tempos antigos do Pavilhão, quando ainda era a escolinha das “Irmãzinhas” (Irmãs Josefinas na década de 1970). No mesmo Pavilhão, vemos suas transformações como lugar de religiosidade, escola, posto de saúde, lugar de rodas de capoeira, danças, apresentações culturais, ponto de encontros e referência local.

Imagem do acervo de Ivoneide, em um momento em sua casa onde ela dá aula de reforço às crianças do Poço da Draga.

- 26 Observamos também, nas imagens que se revelam para nós, o antigo Poço se formando: com as casas ainda de madeira; as dificuldades iniciais de acesso à água; os alagamentos, nos quais os moradores olham sempre espantados, mas que foram por muito tempo frequentes, devido à falta de drenagem efetiva para solucionar a situação; o movimento do bairro como de uma vila de pescadores, enquanto a cidade de Fortaleza crescia e se urbanizava ao seu redor. Alguns fatores negativos ainda se mantêm no Poço atual e são motivos de lutas para seus moradores, como a falta de saneamento básico, enquanto, atravessando a rua, nos dois Centros Culturais que cercam o local, há acesso a esse serviço público há anos.
- 27 Após esse primeiro contato, outras visitas foram realizadas e Ivoneide agora já nos tratava de modo mais familiar, pois compartilhar fotografias nos leva a construir um laço de intimidade. Cada visita nos fez perceber que tivemos vários caminhos até chegar de fato ao Poço. Primeiro uma caminhada inicial com uma pessoa que visita o Poço, mas não é habitante, quando andamos apenas pelas ruas principais. Depois a visita guiada pelo geógrafo e morador Sérgio Rocha, que nos levou a outras ruas e becos, nos mostrando caminhos diferentes. Por fim, chegamos aos álbuns fotográficos, que nos traz outra geografia do bairro e da cidade, além de nos permitir entrar nas casas e nos trazer o sentimento de estar dentro da comunidade, sendo acolhidas e abraçadas por ela.
- 28 Esses diversos caminhos nos indicam as muitas geografias em uma cidade como nos aponta Michel de Certeau. Uma geografia através das narrativas é o que se desenha diante do que vemos através das fotos.

Uma geografia segunda, poética, sobre a geografia do sentido literal, proibido ou permitido. Insinuam-se outras viagens à ordem funcionalista e histórica da circulação. A caminhada as segue (...) O que faz andar são relíquias de sentido e às vezes seus detritos, os restos invertidos de grandes ambições. (Certeau 2009: 172).

- 29 Esse compartilhamento de imagens serve de gatilho afetivo, inevitavelmente, para as memórias pessoais. Ivoneide, a cada visita, nos contava mais sobre sua vida, seus parentes e sobre o local. A cada visita víamos com mais força a figura de Ivoneide como uma guardiã de memórias do Poço da Draga, com todos aqueles álbuns de moradores e das ruas da comunidade. Fotos de moradores em frente de casa, sentados em cadeiras. “Sim, aqui a gente ainda fica muito, tem gente que fica até tarde.” (Ivoneide, Diário de Campo, dia 15 de maio 2017). Um privilégio de poucos, ela enfatizou ainda durante outras visitas. Fotos de seus filhos desde pequenos, das festas nos quintais, dos aniversários. Fotos que vinham acompanhadas de belas memórias. Muitos detalhes da vida cotidiana de Ivoneide enquanto habitante do Poço da Draga foram sendo desvelados. As histórias de chegadas e partidas de muitas pessoas que não nasceram no Poço e de outras que saíram dali para morar em outra cidade, em outro país. O tempo todo Ivoneide chama nossa atenção para que vejamos alguma foto e as imagens se amontoam sobre a mesa, algumas soltas, outras nos álbuns, como se ela quisesse que nós conhecêssemos tudo o que ela viveu.

Sobre Mulheres, raízes e árvores

- 30 Sobre o hábito de registrar sua vida e do lugar que vive através das fotografias, Ivoneide exprime: “As fotos eu que batia e revelava, aqueles filmes... depois eu enjoei. (...) As máquinas eram minhas.” Ainda sobre a dimensão do registro e das lembranças, em sua análise, Fabiana Bruno (2013) afirma:
- Quando tiramos fotos é (...) para guardar a lembrança dos acontecimentos, de encontros ou momentos rituais de todo tipo que acompanham nossas vidas. (...) como as grandes árvores, as fotografias precisam envelhecer. Os suportes de nossas memórias são múltiplos, como são as escritas humanas. (...) A memória é o suporte fundamentalmente imagético e imaginário de nossas histórias de vida. Essas lembranças não são apenas de ordem racional, mas são geralmente e inconscientemente – os espaços e expressões de nossas sensibilidades e paixões diante da vida. (Bruno 2013: 129; 130; 140).
- 31 Demo-nos conta a todo momento que não era apenas a sua vida que era apresentada: seus álbuns fotográficos nos contavam a própria história do Poço da Draga, uma narrativa distante daquela assinalada pela história oficial de Fortaleza, impressa nos cartões-postais e nos encartes para turistas. A partir das fotografias de Ivoneide conhecemos os conflitos sobre o direito ao espaço onde vivem, água tratada e saneamento básico, além das formas de lazer dos moradores, dos usos que a juventude faz da praia, dos equipamentos e dos estabelecimentos ao redor do Poço e da religiosidade local. Uma nova Fortaleza se mostrava a todas nós. A partir de suas fotografias, conhecemos Dona Iolanda, Dona Ivonilda e outros habitantes do Poço. As imagens nos deram acesso ao “mundo narrado” e vivido do Poço da Draga, a cada imagem veio um aceno, um convite e a confiança das pessoas que nos receberam em suas casas.
- 32 Além disso, são suas fotos que nos indicam os lugares afetivos do Poço: o quintal da Dona Iolanda, cadeiras colocadas na frente de casa no final da tarde, os caminhos pelos becos e mesmo as histórias dos já falecidos. Gagnebin (2006) nos lembra que elaborar o passado não é lembrar apenas por lembrar, mas é fazer da exigência do não esquecimento uma “exigência de análise esclarecedora que deveria produzir- e isso é

decisivo- instrumentos de análise para melhor esclarecer o presente.” (Gagnebin 2006: 103).

- 33 Ivoneide é uma guardiã de memórias do Poço da Draga, não só por guardar registros coletivos importantes, como suas fotografias, lembrar nomes e acontecimentos, como pelo fato de ela conviver com os moradores frequentemente, desde os mais novos até os idosos. Com as crianças Ivoneide tem contato contínuo, pois ela dá aula de reforço diariamente para elas. Já com as pessoas mais velhas, ela conversa sobre os acontecimentos que ocorreram naquelas ruas e arredores em muitas oportunidades, como nas reuniões feitas para rezarem os terços e no sarau que acontece uma vez por mês, onde elas se encontram na casa da Dona Iolanda, avó de um dos filhos de Ivoneide, para recitar poemas e cantar.

Imagem do acervo de Ivoneide, onde ela aparece com seus pais, Dona Zenir e Seu Zé Maria.

- 34 Com a vida de Ivoneide, compreendemos o quanto a complexidade e a poética da história de um lugar podem estar atreladas ao conhecimento de uma mulher. Aqui, no caso, duas mulheres e das muitas outras que se entrelaçam em suas vidas: sua filha, sua mãe, suas amigas, suas vizinhas. Seu olhar imprime a lembrança de detalhes sobre a história local, mas, além disso, a preservação desses relatos nas imagens que ela guarda, a torna uma importante guardiã de memórias do Poço da Draga. E sabemos que: “a vida de um guardião de histórias é uma combinação de pesquisador, curandeiro, especialista em linguagem simbólica, narrador de histórias, inspirador, interlocutor de Deus e viajante do tempo.” (Estés 1998: 10).
- 35 Como é uma espécie de guardiã, pois tem fotos de praticamente todos os moradores, nas festas, nos momentos de lazer na praia, nos alagamentos e momentos difíceis, e mesmo dos mortos, Ivoneide se torna uma referência para nós ao pensarmos nos mapeamentos afetivos que formam a cartografia do Poço da Draga. Foram muitas

visitas a sua casa para conseguirmos desvelar tamanha importância desse acervo para a história do Poço da Draga, junto à cidade do Fortaleza, nos seus mais de 110 anos. Cada visita nos fez perceber que tivemos vários caminhos até chegar de fato ao Poço. Primeiro uma caminhada inicial como uma pessoa que visita o Poço, mas não é habitante, quando andamos apenas pelas ruas principais. Depois a visita guiada pelo geógrafo e morador Sérgio Rocha, que nos levou a outras ruas e becos, nos mostrando caminhos diferentes. Por fim, a chegada aos álbuns fotográficos, que nos traz outra geografia do bairro e da cidade, além de nos permitir entrar nas casas e nos trazer o sentimento de estar dentro da comunidade, sendo acolhidas e abraçadas por ela.

A Casa da Madrinha do Poço: Dona Iolanda

36

- 37 Aos poucos fomos percebendo que não apenas as calçadas e o hábito de colocar cadeiras na frente de casa para conversar com os vizinhos até tarde eram importantes para os moradores do Poço, como também as confraternizações e comemorações nos quintais. Descobrimos que muitas dessas fotos eram no quintal de Dona Iolanda e que ela recebia pessoas mensalmente em sua casa para a realização de um sarau. Então, desde 2017, começamos a frequentar os saraus, mas até maio de 2018 ainda não tínhamos conhecido o quintal. No entanto, na véspera do Dia das Mães, ela fez o sarau no seu quintal e fomos todas convidadas. O quintal parecia um outro lugar suspenso na cidade, flores enramadas pelo muro, e cheio de plantas verdes para todos os lados e com cerâmica no chão. Aos poucos, a partir de algo que iniciou com os álbuns de Ivoneide, vamos nos aproximando de Dona Iolanda, a quem vemos todos pedindo a benção, chamando-a de madrinha. Convivendo com ela, temos visto sua presença como a madrinha do Poço. Ela fala com muito amor do espaço do Poço da Draga.
- 38 No dia 7 de maio de 2018, o Programa de TV da Universidade Federal do Ceará nos pediu uma entrevista para falar do nosso projeto de extensão. Aceitamos com a condição de que o programa fosse gravado no Poço da Draga.² Na entrevista, uma das primeiras coisas que a Madrinha do Poço revelou foi que seu nome não é Iolanda. Seu nome é Francisca Pereira, mas sempre foi conhecida como Iolanda. A jornalista perguntou como ela gostaria que seu nome fosse escrito e ela disse: “Pode ser com o mesmo”. Diferente de Ivoneide que nasceu no Poço da Draga, Dona Iolanda morava no bairro Jardim América, também em Fortaleza, mas mudou-se para o Poço em 1971 com seu esposo, pois ele trabalhava no DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas) e, assim, ficaria mais perto do trabalho. Diante disso, ela disse para a repórter: “Eu aprendi a gostar de morar aqui. É bom demais morar aqui.” E quando foi feita a pergunta: ‘A senhora já pensou em sair daqui?’ Sua resposta foi imediata: “Deus me livre! Olhe essa árvore. Eu sou como uma árvore dessas; se você mexe com a raiz, ela morre”.
- 39 Quando Dona Iolanda foi indagada pela repórter se ainda vai até o mar, ela diz poeticamente: “As minhas pernas não chegam mais até lá.” A jornalista ainda pergunta se ela por acaso tem fotos dessa época que ela chegou ao Poço da Draga, e ela responde: “Perdi tudo, com os alagamentos, as casa enchia tudo, não tem foto. Eu perdi tudo. Perdi muita coisa. As fotografias se desmancharam, papel era ruim; hoje só as histórias.” A madrinha não tem as imagens, mas tem uma grande memória e uma enorme satisfação em contar as histórias suas e de seus próximos que aconteceram ali

naquelas ruas, naquela ponte, naquela areia e naquele mar. Dona Iolanda é outra guardiã do Poço da Draga. Com ela, aprendemos que o poder enunciativo das fotografias também se faz latente na ausência delas, na narrativa da perda e do fim da circulação de uma imagem que reaparece e recompõe o relato sobre ela. A repetição da narrativa é uma maneira de recuperar, ainda que provisoriamente, as imagens desfeitas nos alagamentos.

- 40 O “Lugar é uma pausa no movimento”, lembra-nos Tuan (1983), e uma pausa “permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor.” (Tuan 1983: 153). Quando Dona Iolanda se compara a uma árvore, o que ela faz é fundir-se com o que a cerca, e ao mesmo tempo, nos mostra que só conhecerá o valor de tudo o que ela observa, o lugar onde mora, quem sentar ali como ela, em pausa, para observar o patrimônio afetivo e imaterial que a cerca: as inúmeras pessoas que ela nem conhece, mas que lhe pedem a bênção cotidianamente; sentar na frente de casa até tarde da noite, mexendo no celular, porque ali se sente segura.

ILUSTRAÇÃO DE WEAVER LIMA, FEITA NO ANIVERSÁRIO DO POÇO DA DRAGA DE 2018, QUE MOSTRA DONA IOLANDA.

- 41 A vida na cidade nos afasta de tudo o que se relacione com o que parece ser da ordem da natureza. “Não aja como se morasse na floresta”, essa era uma advertência narrada por Clarissa Estés (2007), que buscava situar os membros de sua família recém-chegados aos Estados Unidos aos princípios, considerados, civilizados. Em sua narrativa, a psicanalista recupera uma sabedoria ancestral que observa que mulheres e árvores são muito semelhantes, pois apesar de tudo o que tenha dado errado, ambas são capazes de sobreviver para contar suas narrativas e ensinar sobre o seu admirável retorno à vida. Dona Iolanda, ao recorrer a essa metáfora da árvore, retoma essa sabedoria e a atualiza em sua narrativa, bem como em sua própria experiência de vida.

42 Nas palavras de Estés:

Toda árvore possui por baixo da terra uma versão primeva de si mesma. Por baixo da terra, a árvore venerável abriga “uma árvore oculta”, feita de raízes vitais constantemente nutridas por águas invisíveis. A partir dessas radículas, a alma oculta da árvore empurra a energia para cima, para que sua natureza mais verdadeira, audaz e sábia viceje a céu aberto. O mesmo acontece com a vida da mulher. (Estés 2007: 31)

As Narrativas de Dona Ivonilda

“Onde o mapa demarca, o relato faz a travessia.”

Michel de Certeau 2009: 197.

- 43 Dona Ivonilda tem 80 anos e, assim como Ivoneide, é habitante do Poço da Draga. Desde a primeira vez que caminhávamos pelas ruas do Poço, percebemos que ela sabia muitas histórias pois já vive lá há muitas décadas, apesar de ter nascido no Pará e crescido em Camocim, que fica no Ceará, a 360 quilômetros de Fortaleza. Morava ali há muito tempo; nasceu no Pará, mas cresceu em Camocim. Na segunda visita que fizemos, no dia 12 de novembro 2016, tivemos a oportunidade de conhecê-la. Ela estava em sua cadeira, sentada na frente de casa e Sérgio mencionou: “Esta aqui é Dona Ivonilda, tem muita história para contar, voltem aqui.” Ivoneide costuma dizer que ela tem tanto a dizer que nos terços, no meio das rezas, ela interrompe porque quer conversar. Nos dias de sarau, entre as músicas, ela canta sem parar e sua voz se sobrepõe a qualquer pedido de silêncio. Ela canta o que vai lembrando e para cada música ela quer contar o que sabe sobre a vida do cantor e o que ela viveu naquela época.

Imagem de Dona Ivonilda, sentada na calçada de sua casa, feita por Cristina Maria na segunda Visita Guiada que participamos, no dia 12 de novembro de 2016. Acervo do Grupo.

- 44 Lembra-nos Certeau: “Todo relato é um relato de viagem- uma prática de espaço.” (Certeau 2009: 183). Quem olha para Dona Ivonilda, sentada na sua cadeira e quase sem enxergar, pode pensar que ela está triste, sozinha. Mas basta chegar perto que seus olhos parecem se fechar ainda mais³, para ver melhor o que carrega em si. Seu espaço é pleno de suas histórias, estar na calçada é estar à espreita de um transeunte com quem ela possa compartilhar seus relatos e estender sua existência. Hoje é inevitável caminhar pelo Poço da Draga e pela cidade sem ter que tropeçar nas narrativas de Dona Ivonilda ou sentir os pés enveredando pelas imagens dos álbuns de Ivoneide.

Essas aventuras narradas, que ao mesmo tempo produzem geografias de ações e derivam para os lugares comuns de uma ordem, não constituem somente um “suplemento” aos enunciados pedestres e às retóricas caminhatórias. Não se contentam em deslocá-los e transpô-los para o campo da linguagem. De fato, organizam as caminhadas. Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés as executam. (Certeau 2009: 183).

Imagem de Dona Ivonilda no Sarau de Dia das Mães de 2018, no quintal de Dona Iolanda, feita por Cristina Maria em 10 de maio de 2018. Acervo do Grupo

- 45 As histórias da Dona Ivonilda envolvem os seus conhecidos já mortos, os vivos, histórias mágicas com fatos vividos ou ouvidos. Isso a torna diante de nossos olhos uma narradora, que mistura realidade e ficção, tornando o Poço, além de um território, um “lugar praticado” (Certeau, 2009) de histórias.
- 46 Dona Ivonilda, mostrando suas fotos em um dia que a visitamos, trouxe histórias diversas sobre a vida dela, sobre o Poço da Draga, sobre seus parentes e amigos. Sempre entre imagens, canções e narrativas, Dona Ivonilda nos contava histórias que iam se entrelaçando. À medida que ela contava algo que a lembrava outra história, sem hesitar ela já emendava uma narrativa na outra e seguia. Em 2016, quando perguntávamos sobre a sua relação com o mar, ela relatou para Amanda Lima, membro do Grupo

Rastros Urbanos e, então, bolsista de extensão, o episódio de que um dia seu pai encontrou uma sereia. A partir desse relato, Amanda fez um texto e uma ilustração. Abaixo, o texto reproduzido e a ilustração:

Seu pai era marinheiro e numa das vezes que estava voltando ao litoral cearense encontrou uma sereia em alto-mar. Os marujos batiam os barris no chão do navio e faziam muito barulho, pra que não ouvissem o canto da sereia: poderia ser mortífero. Mas o pai da senhora teve uma experiência mais intensa do que simplesmente ver a sereia: ele conversou com ela e, na conversa, a sereia marcou com o marinheiro um encontro na praia da Barra do Ceará. Depois de passar uma temporada em terra firme, quando chegou a hora de partir mais uma vez, os marujos perguntaram: e você vai encontrar com ela? Não. Ele não foi, teve medo da sereia. Mas diz-se que ela é muito linda, uma beleza inigualável. (Amanda Lima, anotações de campo, 26 de agosto de 2017).

Ilustração: Amanda Lima. Acervo do Grupo de Estudos e Pesquisas Rastros Urbanos.

- 47 Em outra dessas idas ao Poço, no dia 22 de maio de 2018, Dona Ivonilda estava, como de costume, na sua cadeira e começou a contar outra história. Apesar de nos ver apenas de passagem, continuou a sua fala, indicando que é dela o tempo da narrativa. Ela relatou que sonhou um dia com números e falou para o marido apostar no Jogo no Bicho. Ela pensava em construir sua casa e não ter que pagar aluguel. Mas o marido errou os números e no jogo deu mesmo os números que ela tinha sonhado. Contudo, como ela queria muito construir sua casa, para viver ali no Poço onde seu marido era pescador, ela aceitou a sugestão do tio e vendeu a casa onde tinha vivido no Camocim, dividiu o dinheiro com os dois irmãos, que já não vivem mais, e com a sua parte fez a casa. Mas ainda não era do jeito que ela queria. Quando uma de suas filhas casou, com um inglês, ela conta que ele perguntou para sua filha: “O que será que Dona Ivonilda gostaria de ganhar?” A filha respondeu: “O sonho da minha mãe é uma casa de tijolo.” Foi assim,

que, como ela mesma diz, conseguiu realizar o sonho de ter a sua casa de tijolo e aos poucos ir arrumando, para morar até hoje com seus filhos e netos.

48

Imagem do acervo de Dona Ivonilda, onde ela está sentada, acompanhada de parentes e cachorros, em sua cadeira na época da construção de sua tão sonhada casa de tijolo.

- 49 Hoje é inevitável caminhar pelo Poço da Draga e pela cidade sem ter que tropeçar nas narrativas de Dona Ivonilda, sentir os pés enveredando pelas imagens dos álbuns de Ivoneide, ou se encontrar na fala de Dona Iolanda.

Considerações Finais

- 50 Junto de Ivoneide, Dona Iolanda e Dona Ivonilda, somos mulheres construindo a cidade dos desejos através de nossas lentes, cadernos, cartas, trocas de conhecimento, medos e conquistas. Lembramos aqui de Virginia Woolf, que no livro “Um teto todo seu” (1929), nos traz a ideia de que uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu se quiser escrever ficção.
- 51 Os álbuns ficcionalizam a realidade, criam uma sequência narrativa para os acontecimentos individuais e sociais da vida urbana. Acontecimentos que são dispostos entre as páginas do álbum e manuseados pelas mãos e os olhos de quem os tocam. Diante deles percebemos que: “A família é o sujeito coletivo que narra e tem à disposição o manejo e a construção de um espaço de ficção.” (Silva 2008: 24).
- 52 No Poço da Draga as mulheres são as guardiãs dessa memória material e narrativa. Elas são maioria na liderança comunitária, na organização do sarau e muitas são as chefes de suas famílias, seja, por serem viúvas, aqui no caso Dona Iolanda e Dona Ivonilda, ou pelo fato do marido estar todo o dia no trabalho, como no caso da Ivoneide. As decisões, a procura de soluções para os problemas cotidianos estão nas mãos dessas mulheres. Elas são guardiãs dessas imagens fotográficas, dos álbuns e mesmo das narrativas de como esse território se construiu na cidade, portanto, de uma memória coletiva da

cidade de Fortaleza. Suas narrativas e memórias transformam, pois incluem outros pontos de vista, ampliam os narradores, além de nos oferecerem outras imagens sobre a história de formação da cidade. As fotos, aqui apresentadas, são faladas, elas aparecem na força das narrativas, daquilo que resta e marca a memória.

- 53 Se pensarmos sobre o que estamos realizando e o contexto no qual estamos todas mergulhadas, o que temos construído junto às fotografias e narrativas urbanas das mulheres com as quais caminhamos e construímos conhecimento é um teto coletivo, um refúgio, a partir do qual podemos ser e pensar na(s) cidade(s), deixando vazar em nossas narrativas os laços fortes e invisíveis que nos envolvem enquanto mulheres que habitam e são habitadas pela cidade. As caminhadas com Sérgio Rocha pelo Poço da Draga, os álbuns de Ivoneide, os saraus da casa da Madrinha Iolanda, as conversas com Dona Ivonilda, aproximaram-nos de outras narrativas sobre o Poço. Narrativas, sobretudo, de mulheres que tecem suas vidas e seus dias com braços fortes. Essas mulheres e suas fotografias nos contam sobre suas vidas, a conquista de criar seus filhos, as suas histórias de amor, os lugares por onde passaram e a construção de suas casas. A cidade se monta pelos álbuns e relatos, diante de nossos olhos. Os mapeamentos são mais do que cartográficos, eles são narrativos.⁴
- 54 Ivoneide guarda seu lugar em seus álbuns, extensões de seu corpo. Álbuns que também podem ser pensados como árvores frondosas que quando se abrem, mostram seus caules, carregados de pessoas, lembranças e afetos. Dona Ivonilda carrega sua árvore frondosa em seu pensamento e na tentativa que faz para que suas narrativas a acompanhem, sentada à frente de sua casa em sua cadeira. Lembra-nos Certeau, pois seria como uma “árvore de gestos”, que transborda onde vive. Nas suas palavras: “Essas árvores de gestos se movimentam por toda parte. Suas florestas caminham pelas ruas. Transformam a cena, mas não podem ser fixadas pela imagem em um lugar”. (Certeau 2009: 169). Dona Iolanda refere-se a si mesma como árvore, o próprio corpo sendo árvore, abrigo para os inúmeros afilhados. Sua casa com o lugar dos saraus, seu quintal como o território das comemorações, tão presentes nas fotografias de Ivoneide.
- 55 Além disso, também nos apresenta, junto à resistência e luta pelo direito à cidade e permanência no lugar que construíram raízes (como a metáfora “boa para pensar” das árvores às quais se compara Iolanda), a disputa narrativa e política da construção do discurso e das imagens sobre um lugar e sobre as pessoas que ali vivem; disputa esta que povoa o imaginário das pessoas da/na cidade, a partir de programas policiais, pronunciamentos e programas governamentais, conversas informais etc. Ouvir e olhar com atenção as fotobiografias (das pessoas e da própria cidade) com as quais estamos trabalhando, significa tomar posição nessa disputa, tendo como referência: o micro, os rastros, as relações. Ser testemunha, como aponta Gagnebin, ouvir a narração do outro e levar essas palavras adiante, para ousarmos “esboçar uma outra história” e inventarmos o presente. (Gagnebin 2006: 57). As narrativas e imagens que as interlocutoras revelam e nos fazem conhecer - para além das cristalizações de uma cidade como Fortaleza, anunciada como violenta e cruel com seus habitantes - uma outra geografia, uma paisagem humana mais poética, leve e plena de um mapeamento de afetos.

BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN, Walter. 2009. *As Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- BOSI, Ecléa. 2003. “Memória da cidade: lembranças paulistanas”, *Estudos Avançados*, v.17, n. 47, p. 198-211.
- BRUNO, Fabiana. 2013. Imagem-escrita nas fotobiografias. In: *Família em Imagens*. Bárbara Copque, Clarice Ehlers Peixoto e Gleice Mattos Luz (Orgs). – Rio de Janeiro: Editora FGV.
- BRUNO, Fabiana. 2014. Fotobiografias: uma proposta antropológica e estética. *Revista Espaço Acadêmico*. Paraná. v.14, n.163. p.09-20. dez. Disponível em: < <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/26003>>. Acesso em: 30 de outubro de 2018.
- BRUNO, Fabiana. 2012. Uma antropologia das “supervivências”: as fotobiografias. In: *Como Pensam as Imagens*. Etienne Samain (Org). – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.
- CERTEAU, Michel. 2009. Práticas de Espaço. Caminhadas pela Cidade. In: *A Invenção do Cotidiano*. Artes de Fazer. 16ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes.
- ESTÊS, Clarissa Pinkola. 1998. *O Dom da História*. Uma fábula sobre o que é suficiente. Rio de Janeiro: Rocco.
- ESTÊS, Clarissa Pinkola. 2007. *A Ciranda das Mulheres Sábias*: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem. Rio de Janeiro: Rocco.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. 2006. *Lembrar Escrever Esquecer*. – São Paulo: Ed. 34.
- MANGUEL, Alberto. 1997. A Última Página. In: *Uma História da Leitura*. São Paulo: Companhia das Letras.
- INGOLD, Tim. 2015. Parte IV. Um Mundo Narrado. Capítulo 12 Contra o Espaço: lugar, movimento, conhecimento. In: *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. – Petrópolis-RJ: Vozes. – (Coleção Antropologia).
- RIBEIRO, Ana Elisa. 2018. *Álbum*. – Belo Horizonte, MG: Relicário.
- ROCHA, Sérgio. 2018. Um Olhar Sobre o Poço. Dossiê Praia de Iracema. *Revista Dragão do Mar*. n. 1. Jan/Fev/Mar. Fortaleza-CE. p.58-61.
- SILVA, Maria Ivoneide Gois da. Territórios da Memória: Poço da Draga. 1ª ed. Fortaleza-CE: Printi-Gráfica rápida online.
- TUAN, Yi-Fu. 1983. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel.
- Rastros Urbanos no Programa UFCTV. 2018. Programa de TV da Universidade Federal do Ceará. (Produzido em 24 de junho de 2018). Disponível em: <<http://rastrosurbanosufc.blogspot.com/2018/07/rastros-urbanos-no-programa-ufctv.html>>. Acesso: 24. jun. 2018.
- SILVA, Armando. 2008. *Álbuns de Família*: a imagem de nós mesmos. São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- WOOLF, Virginia. 1985. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

NOTAS

1. O Projeto abriga-se no Departamento de Ciências Sociais da UFCE no Grupo de Estudos e Pesquisas Rastros Urbanos, cadastrado desde fevereiro de 2011 no Diretório do CNPQ, que procura observar as cidades a partir de suas práticas urbanas, narrativas e mapas afetivos. Desde 2016 desenvolve o Projeto de Extensão *Fotobiografias: Uma Fortaleza que se encontra em acervos fotográficos comuns* na Universidade Federal do Ceará, com professores-pesquisadores e estudantes do curso de Ciências Sociais e Geografia no Poço da Draga. <http://rastrosurbanosufc.blogspot.com/>
2. Programa UFC TV gravado nesse dia foi feito pela jornalista Lia Aderaldo e o jornalista Gutiérrez Reges.
3. Dona Ivonilda nesse aspecto lembra uma cena narrada por Alberto Manguel em *Uma História da Leitura*, quando ele retoma a história do Jorge Luís Borges para dizer que quando esse já não mais enxergava, fechava bem os olhos e apertava-os “para melhor escutar as palavras de um leitor que não se vê”. Cf. MANGUEL, Alberto. A Última Página. In: *Uma História da Leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.17.
4. Esse mapeamento narrativo é tão intenso, ou seja, imagens e narrativas se entrecruzam com tanta frequência que ao montarmos o livro de Ivoneide Góis, *Territórios da Memória: Poço da Draga* (2019), optamos por confeccionar um mapa afetivo, que segue anexo ao livro. Abrimos mão do mapa oficial da região e montamos um mapa com as casas, as plantas na frente da casa da Ivoneide e marcamos os lugares que mais aparecem nas narrativas e nas memórias de nossas interlocutoras.

RESUMOS

Buscamos compreender a biografia da cidade de Fortaleza-CE, através dos álbuns fotográficos que seus habitantes guardam em casa, em seus acervos comuns. Partimos da noção de fotobiografias para perceber que as grafias de uma vida (a das mulheres e da cidade) através de fotografias. Abordamos as histórias de três mulheres Ivoneide (53 anos), Iolanda (72 anos) e Ivonilda (80 anos) para compreendermos os vestígios da história de tensões e conflitos do Poço da Draga dentro da cidade. Tomamos como referência as noções de rastros em Benjamin; além de memória (Gagnebin), mundo narrado (Ingold), guardiãs da memória (Estés) e caminhadas na cidade em Certeau. Os álbuns fotográficos aparecem como extensão dos corpos dessas mulheres, ganham força narrativa e traçam suas fabulações sobre suas experiências urbanas. Suas narrativas nos fazem conhecer, para além das cristalizações de uma cidade anunciada como violenta e cruel com seus habitantes, trazendo, então, uma paisagem humana feminina, poética e plena de afetos.

We aim to understand the biography of the city of Fortaleza – Ceará – Brazil, through photograph albums kept at home by its inhabitants: their common archives. Photobiographies seek to write lives (the lives of women and the life of the city) with photographs. We approach the life histories of three women, Ivoneide (53 y.o.), Iolanda (72 y.o.) and Ivonilda (80 y. o.) to understand the fragments left by the history of tensions and conflicts at Poço da Draga neighbourhood in Fortaleza. We adopt as theoretical references the notions of traces by Benjamin; memory

(Gagnebin), narrated world (Ingold), guardians of memory (Estés) and walks through the city by Certeau. The photograph albums appear as extensions of their bodies, acquiring narrative force and tracing their fabulations about their urban experiences. Their narratives allow us to know another geography, a poetic and female landscape filled with affects, beyond the portrait of a city that has been announced as violent and cruel to its inhabitants.

ÍNDICE

Keywords: photobiographies, memory, women, life histories, poço da draga.

Palavras-chave: fotobiografias, memória, mulheres, histórias de vida, poço da draga

AUTORES

CRISTINA MARIA DA SILVA

Professora Associada da Universidade Federal do Ceará – UFCE crimasbr@gmail.com

ANANDA ANDRADE DO NASCIMENTO SANTOS

Doutoranda em Antropologia Social na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
anandaandrade@gmail.com

ALANA BRANDÃO MOURA

Bacharela em Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará – UFCE alana.moura@alu.ufc.br